

## A contrametafísica do mundo: Morte de deus e vontade de poder na filosofia de F. Nietzsche

*Marcelo Martins Kretsch*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho abordará a noção de *mundo* e, por conseguinte, de *vontade de poder*, a partir das obras de 1882 a 1889 da filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), com o intuito de expor uma perspectiva contrametafísica de mundo. Para tal, em um primeiro momento, busca-se expor a perspectiva da metafísica convencional que, com sua desvalorização do estatuto do vir-a-ser, desembocou em uma ficção de um além mundo, gerando uma imprecisão contra o mundo, à natureza e à vida. Em razão disso, em um segundo momento, procura-se apresentar a recusa de Nietzsche em relação às concepções epistemológicas e teleológicas da metafísica convencional, a partir da noção de morte de Deus que, desmoronando as estruturas e modos de ser do real administradas pela metafísica ordinária, impõem à ruína aos fundamentos e finalidades postos por essa perspectiva imprecatória contra à cultura mundana. Por fim, em um terceiro momento, intenciona-se apresentar por meio da noção de mundo, bem como de sua radicalização na noção de vontade de poder, uma perspectiva contrametafísica que, ao invés de comprometer-se com aspectos absolutos e imutáveis, compromete-se com uma perspectiva afirmativa e mutável de mundo, natureza e vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo. Vontade de Poder. Contrametafísica.

### INTRODUÇÃO

A ambição do presente artigo é conferir plausibilidade a uma compreensão contrametafísica de mundo a partir da noção de vontade de poder. Para tanto, o primeiro passo a ser dado será apresentar a perspectiva metafísica convencional<sup>2</sup> que, imbuída de princípios negativos e reativos, desencadeia uma desvalorização do mundo, da natureza e da vida. Para tal, utiliza-se das obras *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo* (1888), *Ecce Homo: como alguém se torna o que é* (1888) e os *Fragmentos Póstumos de 1887 a 1889*.

Em um segundo momento, utilizando-se da obra *A Gaia Ciência* (1882), direciona-se a crítica de Nietzsche, expressa através da noção de morte de Deus, para as concepções epistemológicas e teleológicas da metafísica convencional. Deste modo, busca-se dismantlar a perspectiva metafísica ordinária que, valendo-se de um mundo imutável, plasmado e morto, instituiu uma imprecisão contra à cultura terrestre. Assim, procura-se apresentar o fim da validade metafísica, bem como as implicações e consequências de tal evento.

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: marcelo.martins@uel.br

2 Nesse ponto, para evitar qualquer incompreensão, cabe dizer que compreende-se por metafísica convencional, tradicional ou ordinária, aquela metafísica que detém compromisso com a transcendência. Exemplos desse tipo de metafísica são encontrados nas figuras de Platão, bem como no cristianismo.

Em seguida, em um terceiro momento, a partir do fragmento póstumo de 1885, intenciona-se, por meio da noção de vontade de poder, apresentar uma perspectiva contra-metafísica de mundo que, ao invés de comprometer-se com aspectos absolutos e imutáveis que prezam pela desvalorização do mundo, da natureza e da vida, compromete-se com uma perspectiva afirmativa e mutável de mundo, natureza e vida.

Por fim, a conclusão apontará que, através da noção de vontade de poder, Nietzsche ilustra uma perspectiva contrametafísica de mundo. Uma concepção explicitamente afirmativa de mundo, natureza e vida que, a partir da originária experiência estética de destruição e criação do vir-a-ser, traduz o jogo onto-cosmológico da totalidade.

## 1 A CONTURBADA RELAÇÃO DA METAFÍSICA COM A REALIDADE: A DESVALORIZAÇÃO DO MUNDO, DA NATUREZA E DA VIDA

Friedrich Nietzsche é, sem sombra de dúvidas, um notável adversário da tradição filosófica ocidental. Em sua obra *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*, Nietzsche explicita, “através de sua afirmação de guerra contra o platonismo, uma posição metafísica que se recusou a lidar com o mundo em sua contingência e impermanência” (COLI, 2023, p. 56). De forma contestadora e insurgente frente aos descaminhos da razão, o filósofo coloca-se a desconstruir a golpes de martelo a projeção de um mundo ideal, “no qual a suposta essência do mundo estaria resguardada da transitoriedade e da mera aparência” (COLI, 2023, p. 56).

Assim, ao adentrar nas veredas da metafísica do ocidente, Nietzsche procede com uma legítima desconstrução do pensamento metafísico tradicional, criticando qualquer concepção que apresente conotações transcendentais, pois estas, em sua perspectiva, ao desprezarem o mundo em sua contingência e impermanência, invariavelmente, implicam em uma desvalorização do mundo, da natureza e da vida. Em suma, uma imprecisão contra o estatuto da realidade, contra o estatuto do vir-a-ser. A respeito disso, no prólogo de sua autoencenação intitulada *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, § 2, diz Nietzsche:

A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida que se forjou um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – leia-se: o mundo forjado e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores inversos aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro (NIETZSCHE, 2008, p. 15-16).

Ao empreender a desconstrução do pensamento metafísico que, através da razão, prevê a existência de um mundo constituído por um quadro imutável, único, distante e plasmado, um mundo da verdade, Nietzsche traz à luz as consequências dessa interpretação de mundo apequenada e empobrecida, a saber: “a metafísica atesta uma relação conturbada com o

mundo” (MONTEBELLO, 2012, p. 87). Tal relação conturbada, desvela-se na incapacidade de aceitar o mundo tal como ele é em sua totalidade, transitoriedade e finitude, uma vez que o pensamento metafísico rechaça as qualidades que constituem o estatuto do vir-a-ser. Essa rejeição é tamanha que, ao buscar resguardo de toda contingência, transitoriedade e finitude da existência, essa concepção projeta outro mundo que contrapõem o mundo real, o mundo do vir-a-ser. Nota-se esse aspecto, dentro da obra *Crepúsculo dos Ídolos*, no capítulo intitulado “A razão na filosofia”, § 6, onde diz Nietzsche:

As características dadas ao “verdadeiro ser” das coisas são as características do não ser, do nada – constitui-se o “mundo verdadeiro” a partir da contradição ao mundo real: um mundo aparente, de fato, na medida em que é apenas uma ilusão ótica- moral. [...] Não há sentido em fabular acerca de um outro mundo, a menos que o instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, vingamo-nos da vida com a fantasmagoria de uma vida “outra”, “melhor” (NIETZSCHE, 2017, p. 23).

Desta forma, esse outro mundo ancorado em esferas transcendentais, caracterizado como mundo da verdade, expressa uma objeção contra o mundo, à natureza e à vida, pois essa perspectiva logocêntrica, administrada exclusivamente pelas categorias da razão, opera com conceitos lógicos e abstratos que “fogem do mundo real e desembocam em uma ficção de um além mundo e de um ser imóvel, a serviço de uma extenuação obcecada pela morte difamatória do mundo” (FINK, 2020, p. 521).

Nesse sentido, um pensamento do tipo logocêntrico, tal como o pensamento metafísico convencional, “é inapto a dar conta das tensões constitutivas da realidade” (WOTLING, 2013, p. 15), uma vez que concebe o horizonte mundano, da natureza e da vida [mutável e próximo], como algo hostil, valendo-se de um horizonte anti-mundano, artificial e sem vida [imutável e distante], em detrimento do mundo real, do mundo do vir-a-ser. Portanto, essa perspectiva parte de um sistema de crenças que prega a desvalorização da realidade, do mundo, da natureza e da vida, dado sua recusa frente às qualidades que constituem o horizonte do vir-a-ser. Nesse sentido, diz Nietzsche em um fragmento póstumo:

A crença nas categorias da razão é a causa do niilismo – nós, medimos o valor do mundo a partir de categorias que se ligam a um mundo puramente fictício. Resultado final: todos os valores com os quais procuramos tornar o mundo apreciável para nós até agora e que por fim desvalorizamos justamente por isso, quando se revelaram impassíveis de serem estabelecidos – todos esses valores são, computados psicologicamente, resultados de determinadas perspectivas de utilidade voltadas para a manutenção e a elevação de construções humanas de domínio: e falsamente apenas projetadas para o interior da essência das coisas. Trata-se sempre ainda da ingenuidade do ho-

mem que estabelece a si mesmo como sentido e a medida das coisas (NIETZSCHE, 2012, p. 38).

Deste modo, o humano organiza para si um mundo habitável, através da sua incessante atividade de divisão e classificação de fenômenos. Porém, o mundo metafísico não surge disso, mas sim “da projeção dessa construção humana em um mundo fictício, surge da promoção das categorias da razão a propriedades de uma realidade verdadeira” (MONTEBELLO, 2021, p. 90), surge quando, a partir da vontade de verdade, damos um passo a mais e tornamos essas categorias reais. “Quando as ficções necessárias à vida humana são admitidas como realidades, estamos dando corpo a um mundo metafísico” (MONTEBELLO, 2021, p. 90). Dessa forma, essa crença em um mundo verdadeiro, mais importante para à vida, mais útil à vida, volta-se contra o mundo, torna-se condenação e depreciação deste último.

E, veja o que aconteceu, o mundo se dissociou agora em um mundo verdadeiro e um mundo “aparente”: e exatamente o mundo, no qual o homem tinha inventado sua razão para morar e para se erigir, exatamente esse mundo se viu desacreditado. [...] E veja o que acontece: agora, o mundo tornou-se falso, e exatamente por causa das propriedades, que constituem sua realidade, mudança, devir, pluralidade, oposição, contradição, guerra (NIETZSCHE, 2012, p. 303).

Assim, buscando submeter o mundo a determinadas carências orgânicas, foram projetadas e cristalizadas na aparência erros, fantasias, juízos e crenças que firmaram-se, através de uma monstruosa força caracterizada como vontade de verdade, enquanto capacidade de domínio que promove o exercício do poder ao absoluto, na exclusão do devir e na restrição da capacidade humana de apreender o mundo real, o mundo do vir-a-ser.

A vontade de verdade, esse profundo desejo de não mudança, o temor da mudança, do inesperado, do imprevisível, no fundo, o medo de sofrer. Por trás desse ideal de não mudança, há essa origem psicológica, uma profunda desconfiança no vir-a-ser, a qual se confunde com a causa de todo sofrimento. É bastante evidente que esse ideal de imutabilidade, permanência e eternidade não é, antes de tudo, intelectual: há uma causa vital, ele provém da conjuração entre toda a vida contra tudo aquilo que pode ameaçá-la, causar-lhe sofrimento. Um mundo imutável, perene, é um mundo tranquilizador, previsível, sem perigos. A vontade de verdade valoriza esse mundo morto, por falta de forças para enfrentar esse mundo tal como ele é. O mundo da verdade se assemelha a esse mundo fossilizado, petrificado, mumificado, egípcio [...]. Mundo morto do monotomo-ontos do ser único, incapaz de suportar os seres plurais, do monótono-teísmo, do único Deus cristão, incapaz de rivalizar com os deuses do politeísmo, mundo monótono e sem vida (MONTEBELLO, 2021, p. 79-80).

Por isso, a vontade de verdade configura-se como forma de interpretação de mundo que preza pela ruptura com o vir-a-ser, direcionando o humano para a metafísica, em um ato de negação do mundo, da natureza e da vida. Deste modo, ela renuncia aos princípios individuais [subjetivos/particulares] e visa a coletividade [objetivos/universais] na medida que preza pela massificação de fantasias para instituir um controle da vontade humana com maior facilidade. Assim, a vontade particular é submetida à vontade da maioria, que é guiada por interesses metafísicos que impõem o peso da abjeção ao mundo, à natureza e à vida.

Nesse sentido, “os ideais que difamam o mundo foram instrumentos de dominação e servidão, à custa de sacrifícios imensos e, sobretudo, do sacrifício da realidade” (MONTEBELLO, 2021, p. 176), de uma luta impiedosa contra o mundo, à natureza e à vida, culminando na desvalorização do estatuto do vir-a-ser.

## 2 MORTE DE DEUS COMO DESMORONAMENTO DO FUNDAMENTO: DA CATÁSTROFE [NIILISMO] AO NASCIMENTO DE UMA NOVA AURORA

Frente a esse mundo metafísico da verdade, caracterizado como mundo fossilizado e petrificado que impõem o peso da abjeção ao estatuto do vir-a-ser, Nietzsche propõem uma drástica mudança. Em sua obra *A Gaia Ciência*, em específico no famoso § 125, intitulado “O homem louco”, o filósofo anuncia uma das suas noções mais polêmicas, a morte de Deus. Ele começa assim:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou em um navio? Emigrou? - gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos” (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

Para Nietzsche, a morte de Deus decreta o desmoronamento das ordenações e estruturas dos modos de ser do real administrados pela metafísica convencional. Nesse sentido, em seu projeto de desconstrução da metafísica ocidental, Nietzsche utiliza-se desta noção para desmantelar a submissão do mundo, bem como a do humano, dos dogmas metafísicos de rejeição do mundo do vir-a-ser, da natureza e da vida em prol de um mundo enrijecido, artificial e sem vida que prescreve as estruturas da realidade. Portanto, a morte de Deus significa o fim da validade metafísica tradicional.

Tomando-se o conceito de “Deus” em toda sua gravidade, como em Nietzsche, ele não representa meramente um ser elevado, no qual se pode crer ou não, mas a suma de toda a metafísica, o que significa

que, caindo Deus, cai todo o Ser imaterial, espiritual, que dá forma, sustentação e cognoscibilidade ao mundo físico. Desaparece então toda a verdade objetiva, na qual o intelecto humano poderia agarrar-se para fazer face à instabilidade da labuta cotidiana e a alma humana poderia encontrar consolo (TURCKE, 1993, p. 31).

Assim, a morte de Deus caracteriza-se como “supressão da crença em outro mundo” (SUFFRIN, 1999, p. 48), uma vez que trata do desaparecimento do horizonte metafísico, impelindo à ruína as oposições entre aparência e realidade, verdade e falsidade, bem e mal e, principalmente, entre mundo ideal e mundo aparente. Desta forma, em contraste com a metafísica convencional movida pela descomunal vontade de verdade, a morte de Deus caracteriza-se como desmoronamento da metafísica, gerando a explosão do referencial de mundo e humano administrado pela razão -verdade, moral, ciência- onde, até então, estavam assentadas de modo ‘firme’ as concepções circunscritas, fechadas e niilistas.

Ao empreender uma desconstrução da metafísica ordinária, bem como das crenças em suas verdades últimas, uma vez que o centro de gravidade dessa interpretação é colocado fora do âmbito do mundo, da natureza e da vida, Nietzsche opera na explosão do enquadramento do real administrado pela razão. Essa explosão do enquadramento do real conduz a ruína as interpretações absolutas e imutáveis, lançando o mundo e o humano em uma ausência de referencial externo das estruturas da realidade e, a partir disso, instaurando, através do desespero, oriundo da falta de sentido, a catástrofe, o niilismo. Assim, quando a crença na metafísica e “na verdade desaparece e os valores supremos se dissipam como fantasmas, o futuro do mundo participa de uma constelação sombria” (MONTEBELLO, 2021, p. 116).

Que fizemos nós, ao desatar a Terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda em cima e embaixo? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

Em vista disso, se o evento da morte de Deus, enquanto desmoronamento do fundamento, é um dos pontos mais altos da crítica de Nietzsche a tradição metafísica, por outro lado, faz-se necessário analisar as implicações emergentes deste acontecimento, ou seja, o niilismo, pois o desmoronamento da perspectiva metafísica e, por conseguinte, de seus postulados imutáveis, atinge as principais crenças e verdades que geram sustentação a um tipo

de vida administrado pela razão, trazendo um horizonte angustiante para o mundo humano proveniente do vazio epistêmico e ético deixado pela morte de Deus.

Deste modo, tanto os valores que ditavam um modo de avaliar, quanto o modo de estimar do humano perdeu-se, uma vez que provinham da perspectiva metafísica que, após o maior dos acontecimentos, esfacelou-se, arrastando o mundo e o humano para o maremoto niilista. Em razão disso, não resta mais nenhum paradigma, enquanto modelo, padrão, ou sistema administrado pela metafísica, para sustentar, ou proporcionar sentido às estruturas e modos de ser do real. Nesse sentido, Nietzsche descreve no § 124, intitulado “No horizonte do infinito”, como seria viver após esse advento.

Deixamos a terra firme e embarcamos. Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo o laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre ruga, e às vezes se estende como seda e ouro de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não existe “terra” alguma (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

Assim, tal evento “tende a gerar um extremo desespero e desorientação, um sentimento de que tudo é vão e de que a existência humana é uma travessia no [...] nada infinito, pois o ocidente não conhece um ideal alternativo ao ideal ascético” (CONSTÂNCIO, 2013, p. 24). Portanto, diz Nietzsche no § 343 da *Gaia Ciência*:

O maior acontecimento recente – qual seja, que “Deus está Morto”, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito – começa, desde já, a deitar sua sombra em toda a Europa. Ao menos para alguns poucos dotados de suspeição suficientemente penetrante, de um olhar sutil o bastante para o espetáculo, de fato parece que algum sol acaba de se pôr, que alguma velha e profunda confiança se transformou em dúvida: àqueles, o nosso velho mundo deve parecer cada dia mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, mais velho (NIETZSCHE, 2012, p. 207).

No entanto, embora o desmoronamento da perspectiva metafísica arraste o mundo, bem como o humano, para à catástrofe, para o niilismo passivo, Nietzsche inverte o desamparo extremo, enquanto produto do esfacelamento da metafísica, para uma perspectiva afirmativa. Nesse sentido, ao realizar essa inversão, o filósofo invoca o niilismo ativo como “niilismo criador, caracterizado pela alegria do espírito” (WOTLING, 2011, p. 50), uma vez que consegue “subjugar a ausência de verdade para criar seu mundo, impor sua lei ao real”

(MONTEBELLO, 2021, p. 141). Em outras palavras, “o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu próprio mundo” (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

Deste modo, como resultado, desvela-se que Nietzsche vê nas consequências do niilismo mais extremo “não uma condenação ao desespero e à desorientação, mas, pelo contrário, a possibilidade de um novo começo, uma nova aurora, e um mar aberto” (CONSTÂNCIO, 2013, p. 24). Nas palavras do filósofo:

Talvez soframos demais as primeiras consequências desse evento – e estas, as suas consequências para nós, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós, filósofos, e ‘espíritos livres’, ante a notícia que ‘o velho Deus morreu’ nos sentimos como iluminados por uma nova aurora, nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa - enfim o horizonte nos aparece novamente livre, [...] enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto’ (NIETZSCHE, 2012, p. 208).

Em vista disso, inversamente ao niilismo passivo, o desmoronamento dos valores não acarreta na angústia e no desamparo, mas na alegria de ter de criar novas interpretações e, principalmente, novos valores. Portanto, o niilismo ativo caracteriza-se como promessa de uma nova aurora, de uma nova interpretação, de uma nova valoração da realidade e, consequentemente, de um novo horizonte de possibilidade.

### **3 A CONTRAMETAFÍSICA DO MUNDO: VONTADE DE PODER COMO PERSPECTIVA AFIRMATIVA DO MUNDO, DA NATUREZA E DA VIDA**

Embarquem! É uma nova justiça que se faz necessária! E uma nova senha! E novos filósofos! Também a Terra moral é redonda! Também a Terra moral tem seus antípodas! Também os antípodas têm seu direito à existência! Há um outro mundo a descobrir – mais do que um! Embarquem, filósofos! (NIETZSCHE, 2012, p. 173).

Em contraposição a uma perspectiva negativa, fechada e imutável, expressa por meio de um mundo fossilizado da metafísica convencional que desmoronou, o filósofo apresenta uma perspectiva afirmativa, aberta e mutável de mundo, natureza e vida. Assim, ao buscar afirmar o mundo, Nietzsche não recorrer a qualquer conotação transcendente da metafísica convencional, mas, ao contrário, recorre a mais pura imanência do mundo, da natureza e da vida. Nesse sentido, de acordo com Giacoia:

O essencial [...], consiste, para Nietzsche, num mergulho redentor na imanência, onde não se trata mais de instaurar um juízo que divide, condena, renega, mas de proclamar um sim à vida em sua crua integridade... uma bênção trágica da existência: a vida exuberante que retorna e ressurge eternamente da destruição e da dor que ela própria inelutavelmente conjura (GIACCOIA, 1997, p. 187).

Esse mergulho na imanência, expresso a partir de uma perspectiva afirmativa, imersiva e plural de mundo, caracteriza-se pela noção de vontade de poder. Essa noção, dentro do pensamento nietzschiano, detém inúmeras interpretações, mas uma que se destaca é, sem sombras de dúvidas, que o mundo, à natureza e à vida é vontade de poder. Ou seja, o “símbolo” que traduz aquilo que é compreendido como mundo, natureza e vida é, justamente, a noção de vontade de poder. Em razão disso, a vontade de poder configura-se como expressão imanente que orquestra a totalidade, sem nenhuma conotação metafísica que pregue ou desemboque em um afrouxamento de laços com o mundo

Assim, contrastando com qualquer conotação transcendente, a vontade de poder constitui-se como princípio vital, ontológico e cosmológico, através do qual o filósofo interpreta e traduz a totalidade, distinguindo-se dos princípios elaborados pela tradição metafísica, uma vez que Nietzsche não busca nenhuma fundamentação da realidade situada para além dos fenômenos e das relações de forças que os produzem. Nesse sentido, a vontade de poder expressa-se como uma nova compreensão acerca da noção de mundo que não nega “o mundo”, “à natureza” e “à vida” em favor “do não-mundo”, “da antinatureza” e “da morte”. Portanto, para Nietzsche, “o mundo definido e designado conforme seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais” (NIETZSCHE, 2005, p. 40).

Deste modo, o mundo real, a realidade, enquanto vontade de poder, é determinada a partir de uma multiplicidade de relações de forças compõem o mundo, à natureza e à vida. Ao conceber a realidade como multiplicidade de forças, Nietzsche explicita que as ordenações e estruturas dos modos de ser do real são constituídas por relações agnósticas de forças que plasmam a realidade vigorada no vir-a-ser. Em razão disso, aquilo que vigora é puro vir-a-ser e “pluralidade de forças em relação dinâmica de enfrentamento para configurar o real” (FREITAS, 2015, p. 37).

O frutífero está sempre ligado, ao mesmo tempo, com o terrível: o saudável, com o discordante; o que suscita a vida, com aquilo que aniquila -o amor, com a morte. O procriador, que dá a luz, acopla-se com o destruidor; o construtor, com o demolidor; o que adere, ao que rompe. A identidade atravessa a diversidade e vice-versa, o cosmos e a existência humana se encontram na correspondência de suas estruturas trágicas. Não é possível um mundo no qual tudo fosse paz e mera felicidade, onde a dor e o trabalho do negativo ficassem de fora, onde o domínio renunciasse a toda opressão, onde o amor sem

sofrimento persistisse sem relação com a morte [...]. O mundo verdadeiro, o mundo real: nosso mundo humano é o calvário da morte, o anel nupcial do amor, [...] o campo de batalha da luta pelo domínio (FINK, 2011, p. 350).

Segundo Nietzsche, essa pluralidade de forças em relação dinâmica de enfrentamento em prol do “seu aumentar e crescer, em prol do seu domínio” (FINK, 2020, p. 523), presente tanto no mundo quanto na natureza e na vida, recusa aspectos absolutos e imutáveis das perspectivas epistemológicas e teleológicas da metafísica convencional, comprometendo-se com uma perspectiva intramundana que, através de um pessimismo de forças que compõem o mundo, à natureza e à vida, é passível de ser afirmada tragicamente em toda a sua totalidade, transitoriedade e finitude.

Em função disso, a noção de vontade de poder, enquanto concepção intramundana do mundo, da natureza e da vida, uma vez que recusa necessidades teleológicas ou verdades universais, constitui uma perspectiva contrametafísica de mundo. Portanto, uma interpretação afirmativa que, a partir da originária experiência estética de destruição e criação do vir-a-ser, traduz o jogo onto-cosmológico [totalidade: mundo, natureza e vida] da existência. Assim, em um Fragmento Póstumo do ano de 1885, Nietzsche expõe sua visão acerca do que é mundo:

Esse mundo: um monstro de força, sem começo nem fim; uma soma fixa de forças, dura como bronze, que nem aumenta, nem diminui, que não se desgasta, mas se transforma, [e] cuja totalidade é uma grandeza invariável, uma economia que não há nem gastos, nem perdas, tampouco, porém crescimento ou lucro; [...] uma força presente em toda parte, uno múltiplo como jogo de forças e de onda de força, acumulando-se em um ponto, diminuindo-se em outro; um mar de forças em tempestade e fluxo perpétuo, eternamente mudando, eternamente refluindo, com gigantescos anos de retorno regular, um fluxo e refluxo de suas formas, das mais simples às mais complexas, das mais calmas, das mais fixas, das mais frias às mais ardentes, às mais violentas, as mais contraditórias, para em seguida voltar da multiplicidade à simplicidade, do jogo dos contrastes à necessidade de harmonia, afirmando seu ser também nessa regularidade dos ciclos e dos anos, glorificando-se na santidade do que deve eternamente voltar, como um devir que não conhece nem saciedade, nem desgosto, nem lassidão: - eis meu universo dionisíaco que se cria e se destrói eternamente, esse mundo misterioso das volúpias duplas, eis meu além do bem e do mal, sem finalidade, a menos que a felicidade de ter realizado o ciclo seja uma finalidade, sem querer, a menos que um anel tenha a boa vontade de girar eternamente sobre si mesmo [...] Esse mundo é o mundo da vontade de poder – e nenhum outro!

E os senhores mesmos também são vontade de poder – e nada mais!  
(NIETZSCHE, 1999, p. 450).

Nesse sentido, em contraste com a perspectiva metafísica que, através de seus mecanismos de distanciamento do mundo real, administrou as ordenações e estruturas dos modos de ser da realidade a partir da sua recusa do vir-a-ser, a noção de vontade de poder apresenta-se como recusa à tradição metafísica convencional e, principalmente, como superação de sua perspectiva epistemológica e teleológica circunscrita, imutável e fechada. Desta forma, contrapondo a estrutura e modo de ser da realidade administrada pela metafísica convencional, a noção de vontade de poder apresenta-se como perspectiva sem fundamento e finalidade, como uma perspectiva mutável e aberta que coaduna com o movimento imanente de engendramento do mundo, da natureza e da vida.

Sendo assim, a vontade de poder é algo criador e, portanto, enquanto “atividade simbólica de trazer à presença o sentido do mundo e da vida” (FINK, 2010, p. 30), configura-se como o fator determinante das ordenações estruturais dos modos de ser da realidade, a partir da prerrogativa do vir-a-ser. Em razão disso, através dessa nova centralidade, desvela-se um novo mundo “sem sol ideal, sem horizonte metafísico” (MONTEBELLO, 2021, p. 171) convencional. Um mundo sustentado pelas relações de forças, um mundo da destruição e da criação, um mundo da vontade de poder.

## CONCLUSÃO

Frente a nosso itinerário, a partir das leituras das obras de Nietzsche, explicita-se a possibilidade de uma perspectiva contrametafísica de mundo que compromete-se com uma concepção afirmativa e mutável de mundo, natureza e vida. Assim, se a metafísica convencional nega toda a contingência e transitoriedade, a contrametafísica afirma toda a contingência e transitoriedade, mediante seu comprometimento com o estatuto do vir-a-ser. Portanto, a partir do presente artigo, defende-se uma perspectiva contrametafísica do mundo, ou seja, uma metafísica cosmológica, ou, dito de outro modo, uma metafísica de artista que, não detendo compromisso com a transcendência, mas, ao contrário, com a mais pura imanência, expressa-se pela noção de vontade de poder.

## REFERÊNCIAS

- CONSTÂNCIO, João. *Arte e Niilismo: Nietzsche e o Enigma do Mundo*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2013.
- COLI, Anna Luíza. *Fink e Nietzsche: Os Descaminhos da metafísica ocidental e as Veredas de uma Contrametafísica*. In: VATTINO, Gianni. *Nietzsche em Diálogo*. Londrina, PR: Engenho das Letras, 2023, p. 51- 82.
- FINK, Eugen. *Play as Symbol of the World*. (Tradução de Ian Alexander Moore e Christopher Turner). Indiana University Press: Bloomington, Indiana, 2010.

\_\_\_\_\_. *Fenómenos fundamentales de la Existencia Humana*. (Tradução de Cristobal Holzapfel). Freiburg, Observaciones Filosóficas: Libros y Recensiones; 2011.

\_\_\_\_\_. *A metafísica nietzschiana do jogo*. (Tradução de Anna Luiza Colli, José Fernandes Weber e Giovanni Jan Giubilato). Phenomenology, Humanities and Sciences, 2020.

\_\_\_\_\_. *A filosofia de Nietzsche*. (Tradução de Joaquim Lourenco Duarte Peixoto). Lisboa, Editorial Presença, 1988.

FREITAS, Wlisses. *A Vontade de Poder como Afirmação da Vida*. Redenção, 2015.

GIACCOIA, Oswaldo. *Labirintos da Alma: Nietzsche e a Auto-supressão da moral*. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

MONTEBELLO, Pierre. *Nietzsche: O mundo da Terra*. (Tradução de Fabio Stieltjes Yasoshima). São Paulo, Unesp, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio para uma filosofia do futuro*. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos: Ou como se Filósofa com o Martelo*. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como Alguém se Torna o que é*. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos Póstumos 1887-1889*. (Tradução de Marcos Antônio Casanova). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Col. Os pensadores. (Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

SUFFRIN, Pierre Héber. *O Zaratustra de Nietzsche*. (Tradução de Lucy Magalhães) Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar Editor, 1999.

TURCKE, Christoph. *O louco: Nietzsche e a Mania da Razão*. (Tradução de Antônio C. P. de Lima). Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1993.

WOTLING, Patrick. *O Vocabulário de Nietzsche*. (Tradução de Claudia Berliner). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e o Problema da Civilização*. (Tradução de Vinicius de Andrade). Rio de Janeiro: Editora Barcarolla, 2013.